

# AS CARTAS EXTRAVIADAS ENTRE A UNIVERSIDADE E A HISTÓRICA: hipótese sobre os sentidos das fakenews ambientais pela teoria lacaniana dos quatro discursos

Vinicius Prates<sup>1</sup> 

## RESUMO

Neste artigo propomos uma análise dos problemas da enunciação das fakenews sobre meio ambiente circulantes nas redes sociotécnicas de comunicação a partir da teoria lacaniana dos Quatro Discursos. Para isso, analisamos dez checagens de uma agência especializada na detecção de notícias falsas sobre questões ecológicas. Ao final, propomos a seguinte fórmula: a) enunciados são produzidos por locutores aderidos ao Discurso da Universidade; b) são denegados pelos locutores das fakenews, que lhes atribuem o lugar de produção do Discurso do Mestre, e lhe contrapõem com o Discurso da Histórica; c) as agências de checagem buscam retomar a força performativa do Discurso da Universidade.

**Palavras-chave:** Fakenews ambientais; teoria lacaniana dos quatro discursos; problemas de enunciação; agências de fact checking.

## THE LOST LETTERS BETWEEN THE UNIVERSITY AND HISTORY: hypothesis about the meanings of environmental fakenews by the Lacanian theory of the four discourses

## ABSTRACT

In this paper I propose an analysis of the problems of enunciation of fake news about the environment circulating in sociotechnical networks of communication from the Lacanian theory of the Four Discourses. I analyzed ten checks from an agency specialized in detecting fake news on ecological issues. I propose the following formula: a) locutions are produced by speakers of the University Discourse (research centers, traditional media, multilateral agencies); b) they are denied by the speakers of fakenews, who assign them the place of production of the Master's Speech, and contrast it with the Hysteric's Speech; c) finally, the verification agencies seek to recover the performative force of the University Discourse through their statements.

**Keywords:** Environmental fake news; Lacanian theory of the four discourses; enunciation problems; fact checking agencies

<sup>1</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie

Autor Correspondente: Vinicius Prates  
E-mail: [viniciusprates.vp@gmail.com](mailto:viniciusprates.vp@gmail.com)

Recebido em 22 de Agosto de 2022 | Aceito em 18 de Novembro de 2022.

## LAS CARTAS PERDIDAS ENTRE LA UNIVERSIDAD Y LA HISTORIA: hipótesis sobre los significados de las fakenews ambientales de la teoría lacaniana de los cuatro discursos

### RESUMEN

En este artículo proponemos un análisis de los problemas de enunciación de las fake news sobre el medio ambiente que circulan en las redes sociotécnicas de comunicación desde la teoría lacaniana de los Cuatro Discursos. Para ello, analizamos diez controles de una agencia especializada en la detección de fake news sobre temas ecológicos. Al final, proponemos la siguiente fórmula: a) los enunciados son producidos por hablantes que se adhieren al Discurso Universitario; b) son negados por los locutores de fakenews, quienes les asignan el lugar de producción del Discurso del Maestro, y lo contrastan con el Discurso de la Histérica; c) las agencias de control buscan recuperar la fuerza performativa del Discurso Universitario.

**Palabras clave:** noticias falsas ambientales; teoría lacaniana de los cuatro discursos; problemas de enunciación; agencias de verificación de hechos.

### INTRODUÇÃO

Os últimos anos foram marcados por uma sucessão de crises, dentre as quais pode-se destacar duas: a crise sanitária da disseminação do vírus da covid-19, o mais letal dos últimos cem anos, provocando 6.5 milhões de mortes, além de uma debacle econômica ao redor do globo (Pereira & Prates, 2020a); a crise ambiental, que se traduz pela perda massiva de biodiversidade, pela alteração genética laboratorial discricionária de espécies, e por mudanças climáticas provocadas pela emissão de gases de efeito estufa (Prates, 2020).

Estas duas crises foram agravadas por um movimento que se tornou um denominador comum para os mais variados fenômenos sociais, e que as sobredeterminou. Trata-se da revolução no capitalismo comunicacional (Prado & Prates, 2017) propiciada pela circulação de sentidos nas redes sociotécnicas de comunicação em fluxos contínuos, que romperam o esquema das mídias de massa dispostas anteriormente entre os polos da emissão e da recepção. Fausto Neto entende assim o papel das redes em face dos meios tradicionais de comunicação:

Descrevem características de uma matriz que pode enfraquecer o trabalho de estruturas (simbólicas) intermediárias, como assim são reconhecidos os chamados meios tradicionais de comunicação. O universo das redes sociais aparece como um cenário que arquiteta novas formas de interação, submetendo os campos sociais a novas condições de interfaces e de interpenetração, através de estratégias de contato (Fausto Neto, 2019, online).

Dessa forma, a comunicação em fluxo não mais se dispõe em um circuito fechado entre os polos da emissão e da recepção, mas é continuamente direcionada adiante (Braga, 2012, p. 49). E foi no ambiente deste circuito ampliado, essa configuração de fragmentação e dispersão, nas quais se entrecruzam circuitos restritos de homologação e antagonismo, de reconhecimento e de recusa, que se instauraram os dispositivos que impulsionaram os sujeitos à polarização da Década do Ódio (PEREIRA *et al.*, 2022). Neste contexto, a disseminação de fakenews ajudou a instaurar os *loopings* de frustração, cólera ou vingança (Prado & Prates, 2020), desdobrados em longas cadeias de equivalência simbólica, que engolfaram representações políticas tradicionais, organizações públicas ou privadas, núcleos vicinais e familiares.

As fakenews são enunciados que aparecem na forma de vídeos e arquivos de áudio em websites, ou mais comumente em grupos fechados de redes sociais *online*. Elas podem incluir desde uma narrativa totalmente

ficcional, até informações em parte inverídicas. Este último tipo é potencialmente ainda mais deletério, pois ao fim torna capciosas as informações de um enunciado que também contém dizeres verdadeiros, dificultando o julgamento do enunciatório (Pereira & Prates, 2020b).

Um alerta recente, bastante potente, foi disparado a respeito do perigo das informações falsas, no contexto da covid-19, durante a pandemia de covid-19. No momento mais grave da disseminação do vírus, quando ainda não havia qualquer vacina disponível para amenizar seus efeitos, o mundo olhou para a Organização Mundial de Saúde, o principal órgão multilateral de fomento à saúde, em busca de orientações. E justamente naquele contexto, a Organização propôs a adoção do significante “infodemia”, traçando um paralelo entre a propagação biológica do vírus e a propagação informacional das notícias falsas (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2020). Segundo a OMS, a infodemia minou e dificultou as medidas de controle da doença, agregando riscos à saúde física e mental das pessoas, gerou desconfianças infundadas contra grupos étnicos e sociais, como por exemplo uma ênfase na culpabilização da China, provocou o abandono da observância de medidas de higiene pública, induziu ao consumo de drogas ineficazes ou prejudiciais (Prates, 2023. No prelo). Os riscos foram descritos da seguinte maneira: “A desinformação custa vidas. Sem a confiança apropriada e as informações corretas, os testes de diagnóstico não são usados, as campanhas de imunização (ou campanhas para promover vacinas eficazes) não atingirão suas metas e o vírus continuará a prosperar” (OMS, 2020, *online*. Tradução nossa).

Embora saibamos de todo o imenso risco e sofrimento causado pela pandemia do coronavírus, que como vimos foi agravada pela infodemia de fakenews, uma vez aplicadas as vacinas e superado seu momento mais agudo, é possível fazer uma contabilidade de seus estragos e projetar adiante novas perspectivas mais favoráveis. No entanto, o mesmo não é possível dizer da crise ambiental, derivada das mais profundas estruturas do modo de produção e consumo (Prates, 2020) e, portanto, de caráter durativo. O conjunto de consequências ambientais acarretadas pela ação humana ganhou, a partir de um muito infuente artigo publicado na virada do novo milênio (Crutzer & Stoemer, 2000), o significante Antropoceno, como marcador de uma época geológica.

O que a crise ambiental acarreta é a ideia de fim, de morte, o que torna cada humano uma espécie de ser-para-a-morte-ambiental, de emergência de uma sociedade de risco; como diz Maffesoli (2010, p. 108): “[a crise ambiental nos lembra] a natureza das coisas [...] a morte como o que há de originalmente violento”; ou ainda segundo Porto-Gonçalves (2010, p. 99): “[...] esse brado traz em si uma das características mais especificamente humanas: a consciência da morte”. Assim, se a crise ambiental não oferece perspectivas de superação (e cujo resultado pode ser nada menos do que a extinção da espécie humana), é preciso reconhecer que, como demonstrado no caso da crise da covid-19, ela pode ser sobredeterminada e agravada pela infodemia de fakenews.

## ENUNCIADOS FALSOS CIRCULANTES E AS AGÊNCIAS DE FACT CHECKING

Como lidar com as notícias falsas (relacionadas ao meio ambiente, mas também com outras temáticas) que estão sendo postas em circulação nas redes sociotécnicas? Este é um enorme desafio, já que nem mesmo mensurá-las, avaliá-las ou estudá-las é simples, pelas próprias características dos ambientes digitais nos quais circulam. Como diz ainda Fausto Neto (2019, *online*): “[...] as interações deixam de ser dinamizadas pela instância dos mass media, aponta-se a manifestação de outras práticas de intermediação”. Ou seja, depois de apropriar-se dos sentidos, os agentes que tradicionalmente eram apenas receptores, voltam a colocar em circulação as respostas; porém, não mais em direção ao destinador original, mas inserindo-as em circulação no espaço social, em processos difusos. Se partirmos do ideia que os enunciados geram sentidos em contratos de comunicação (Prado, 2013), como captá-los dadas as dificuldades de estabelecer a categoria de enunciação num ambiente virtual?

A melhor estratégia para o analista do discurso lidar com o problema das fakenews em ambientes virtuais até agora, conforme entendo, tem sido abordá-las pelos enunciados das agências de fact checking (AFC, a partir de agora, por comodidade). A Sanford School of Public Policy da Duke University produz a cada ano um levantamento das agências de checagem ativas no mundo, e a última pesquisa registrou 391 delas, o dobro em relação a seis anos atrás (Stencel *et al.*, 2022). Nelas, o jornalista profissional seleciona por iniciativa própria ou por sugestão do público algum enunciado, e atesta sua veracidade ou falsidade a partir dos paradigmas da imprensa tradicional.

O estudo das AFC dá à análise uma dupla vantagem: a primeira é que elas estabelecem um discurso inteligível (porque organizado) sobre determinado conteúdo circulante nas redes, a partir do qual é possível intentar a apreensão de uma debragem enunciativa e o estabelecimento de um contrato de comunicação; a segunda, é que as agências impõem um dizer sancionador, de acordo com princípios regulamentados pelos “manuais de redação”, o que se presta a um estudo comparativo sobre a produção de conteúdos falsos e os paradigmas jornalístico.

Assim, para entendermos quais os sentidos dos enunciados falsos sobre meio ambiente e como o enunciador constitui o campo da mesmidade em relação ao Outro, neste artigo fizemos o levantamento de textos verificados por uma AFC brasileira especializada no tema ambiental, a *Fakebook.eco*.

Ela é uma iniciativa da rede de organizações da sociedade civil Observatório do Clima, que demonstra pelo próprio ato performativo de criar uma agência desse tipo, o papel que a informação de qualidade joga no esforço para minorar as mudanças climáticas antropogênicas. Na origem do projeto há ainda a colaboração do Greenpeace, a mais famosa e politicamente relevante organização ambientalista transnacional. O *Fakebook.eco* tem parceria com o site de combate ao negacionismo climático Skeptical Science, com o blog *O que você faria se soubesse o que eu sei?*, com os portais de notícias ambientais e científicas *ClimalInfo*, *Oeco*, *InfoAmazônia*, *Direto da Ciência e Projeto Colabora*, e define da seguinte maneira a sua missão:

A plataforma surge para sistematizar, de maneira didática, o conhecimento essencial sobre os principais mitos, as distorções e os mal-entendidos que rondam o debate ambiental no Brasil. Por um lado, o site funciona como um repositório onde mitos comuns (as “Falácias frequentes”) são desfeitos. Por outro, fará verificações rápidas (“Verificamos”) de declarações de autoridades ou fake news diversas sobre meio ambiente (*Fakebook*, 2022, online).

O *website* é dividido em seções, dentre as quais há uma chamada “Mito ou Fato”, na qual se busca resumir as contradições entre os enunciados falsos, coligidos em um enunciado com sentido único, e apresentar de maneira igualmente sintética sua verificação. Há dez enunciados na seção, que utilizamos para esta análise, e que são apresentados na forma de uma contraposição: primeiro na coluna “mito” há o enunciado enganoso circulante nas redes, cujos motivos de sua falsidade serão apresentadas na coluna “fato”, no qual ele pode ser confirmado ou (isto ocorreu em todos os casos em tela) desmentido.

Cada dupla é acompanhada por uma fotografia genérica, ao estilo de bancos de imagens, e a falsidade ou veracidade declaradas pela AFC são homologadas em padrões gráficos: uma letra “v” estilizada indicando o “verificado” para o “fato”; um “x” em vermelho para o “mito”. Os temas são expostos como janelas em um portal, no qual constam o “mito” e o “fato”, e ao clicar em cada item, o leitor tem acesso a um texto maior, de uma a duas laudas, explicando o tema e indicando fontes para consulta. Abaixo reproduzimos o texto de entrada de cada item, pela ordem de aparição:

MITO	FATO
Os registros de temperatura não são confiáveis (“termostato no asfalto”)	Termômetros no mundo todo, satélites e balões apontam tendência de aquecimento da Terra
O agronegócio brasileiro é o mais sustentável do mundo	O agro brasileiro tem indicadores ruins de desigualdade, clima, pesticidas e manejo de fertilizantes
Há muita terra para pouco índio	Há muita terra com poucos latifundiários
O aquecimento global parou em 1998	Nove anos deste século foram mais quentes que 1998
O aquecimento global é uma invenção da esquerda	Líderes globais de todos os matizes ideológicos reconhecem o problema e a necessidade de resolvê-lo
O clima da Terra sempre mudou e o aquecimento atual não é exceção	A mudança climática atual se deve à ação humana e é comparável a eventos que causaram extinções em massa
O Brasil não é um dos líderes no uso de agrotóxicos	País é um dos que mais usam agrotóxicos no mundo
Tá frio! Cadê o aquecimento global?	Invernos mais frios são previstos mesmo num mundo mais quente (e estão ficando menos frequentes)
Quem desmata são os pobres, por falta de alternativa econômica	Metade do desmatamento está ligada à especulação fundiária e crimes como a grilagem, feitos por quadrilhas bem financiadas
O Brasil é o país com mais florestas no mundo	Há 29 países com mais florestas que o Brasil em relação ao território

(FAKEBOOK, 2022, *online*) Tabela 1

O primeiro a observar em relação a esta tabela, é que ela se dispõe como uma relação dialógica. Este diálogo simulacral num ambiente de circulação das redes sociotécnicas, nas quais, como vimos, a comunicação não segue mais um modelo típico dos meios de comunicação de massa, acarreta uma série de complicações nos papéis actanciais. Quem é o enunciador? Qual o imagem de si? como ele constrói a figura do Outro? Resumidamente: como lidar com a enunciação, e conseqüentemente com a geração de sentido dentro de um contrato de comunicação nessas condições? É o que pretendemos abordar por meio de uma breve análise dos conteúdos expressos na superfície textual.

## OS PROBLEMAS DA ENUNCIÇÃO NUM AMBIENTE DE CIRCULAÇÃO

Começamos enunciador AFC. Ele enuncia a partir da posição do sujeito suposto saber. Suas postagens buscam um enunciatário que pressupostamente está desinformado pelas redes sociais, que de alguma forma foi induzido a erro por conteúdos tóxicos, produzidos de forma maliciosa. Esta situação será então corrigida pelo trabalho do jornalista profissional. O contrato de comunicação proposto pela AFC é o da imprensa tradicional, na plenitude de seu interdiscurso plurissecular de “mediador da sociedade”, “quarto poder”, lugar privilegiado (pelo menos autodeclaradamente) da reprodução da Esfera Pública (Habermas, 2014).

Para produzir este efeito de sentido, o enunciador AFC insere dêiticos que devem ser apreendidos pelo saber enciclopédico do enunciatário como marcas de pertencimento ao discurso jornalístico. Quais são estas marcas no caso analisado? Vejamos que qualquer texto de imprensa pode ser basicamente dividido em três categorias, segundo as quais o enunciador diz, ou ao menos indica, ao enunciatário qual é a sua relação com o fato que será descrito como verdadeiro (Charaudeau, 2006; Prates, 2023. No prelo), e que são, a saber, as seguintes: a) *existencial*: relacionada a um estar-aí espaço-temporal, em que há ênfase no caráter testemunhal de fatos presentificados; b) *evenemencial*: cuja percepção mental é determinada pela descrição do que ocorre ou ocorreu; c) *explicativa*: relacionada à descrição do porquê, do como e da finalidade, de motivos e de intenções que presidiram o surgimento de um acontecimento e seus desdobramentos.

Segundo essas categorias, pode-se observar que seis das checagens<sup>1</sup> referem-se a situações existenciais, aquelas cujas checagens podem ser solucionadas com um dado, um número, uma informação objetiva: 1. como são feitas as medições dos relatórios do clima; 4. como evoluiu o aquecimento global desde 1998; 6. qual a velocidade relativa entre as mudanças climáticas do passado e as atuais; 7. quanto agrotóxico é usado no Brasil em relação a outros países; 8. quais as medidas de mudanças climáticas indicam o aumento médio da temperatura, malgrado ondas de frio esporádicas; 10. qual a proporção das florestas do Brasil em relação a outros países.

Há ainda quatro itens que podem ser arrolados na categoria explicativa. Eles demandam uma argumentação mais delicada, conceitual, que busca persuadir o enunciatário com argumentos, de uma maneira que os dados estatísticos objetivos não dão conta do sentido, comparecendo como auxiliares. Entendemos que são estes os casos de: 2. o agronegócio brasileiro é o mais sustentável do mundo; 3. há muita terra para pouco índio; 5. o aquecimento global é uma invenção de esquerda; 9. quem desmata são os pobres. O enunciador esforça-se nas conceituações de sustentabilidade, no julgamento daquilo que seria “muita” ou “pouca” terra para as comunidades indígenas, nas definições sobre direita ou esquerda, ou em especulações sobre as motivações dos pobres e dos ricos e suas responsabilidades.

Ainda para reforçar a posição do enunciador, os textos remetem, em seu final a listas de *websites* de renomados institutos científicos, organizações multilaterais, prestigiosos veículos de comunicação, nos quais o enunciatário pode – por si mesmo – pesquisar a validade daquilo que foi enunciado pela AFC. Esta é uma interessante forma de homologação da prerrogativa da imprensa em sua ação de “esclarecimento”, que remete àquilo que Habermas (2002) chama de discurso filosófico da modernidade.

Mas isso não é tudo a saber, porque nas redes os papéis actanciais são, para dizer como Fiorin (2016), mais “astuciosos” do que na imprensa tradicional. Duas torções bastante curiosas devem ser observadas ao buscarmos encontrar a produção de sentidos nas categorias da enunciação. A primeira delas é que o enunciador é reembreado como alocutário (L2), quando o mais comum seria como locutor (L1). Ou seja, o Mesmo está num lugar responsivo, enquanto o enunciado “original” é posto em andamento por um Outro,

1

Seguindo a ordem de aparecimento das postagens.

por aquele que difunde nas redes sociais a mentira e o engano. A AFC existe para responder, e sempre para responder, aos enunciados falsos. Pressupõe-se assim que há um sujeito insidioso, que propaga *fakenews* pelas redes sociotécnicas, o que deve ser respondido com a verdade para o bem da comunidade de falantes. Assim, por exemplo, à afirmação falsa (L1) “Os registros de temperatura não são confiáveis”, de antemão circulantes, L2 contrapõe com “Termômetros no mundo todo, satélites e balões apontam tendência de aquecimento da Terra”; ao locutado por L1 “O aquecimento global parou em 1998”, segue a resposta “Nove anos deste século foram mais quentes que 1998”, e assim por diante. Note-se um caso curioso, na posição 8. da tabela. O enunciador AFC, no enunciado que instaura o papel actancial L1, utiliza-se de uma linguagem popular informal, fazendo a contração do verbo “estar” na terceira pessoa do presente do indicativo por “tá”; e também usa a expressão oral “cadê”, indiciando assim um locutor que reproduz os dizeres de senso comum. A contraposição de L2 será feita por uma construção formal, pressupostamente aderida a um discurso técnico-científico erudito.

A segunda torção, a respeito da qual nos referimos, surge ao analisarmos a coluna das *fakenews* coletadas em circulação nos meios digitais. Seus sentidos remetem a um enunciado ainda anterior. Acompanhemos com exemplos. No locutado por L1 “O agronegócio brasileiro é o mais sustentável do mundo”, resta subentendido (Ducrot, 1987) que esta é a contraposição a um dizer “o agronegócio brasileiro não é sustentável” (ou ao menos “não é tão sustentável quanto deveria”). No caso do “cadê o frio” (posição 8. da tabela), supõe-se que L1 está questionando os enunciados sobre aquecimento global expressos na mídia e ancorados no discurso científico, e o faz com a “evidência” do frio, da sensação térmica do sujeito ancorado na “concretude” do aqui e agora. O mesmo para o caso “O clima da Terra sempre mudou e o aquecimento atual não é exceção”, que pressupostamente se contrapõe à afirmação “o aquecimento global é excepcional, e portanto provocado pelo homem”. Um exemplo interessante é “O aquecimento global é uma invenção da esquerda” (item 5.), contraposto pela *explicação* (no sentido de Charaudeau, 2006) “Líderes globais de todos os matizes ideológicos reconhecem o problema e a necessidade de resolvê-lo”.

O que ocorre nesses casos, então? O enunciador AFC, reembreado no alocutário L2, responde a L1, que por sua vez, subentende-se, está respondendo a um enunciador pressuposto, cujo dizer não comparece na superfície textual. Chamaremos a este L0, que como veremos em seguida, é o lugar estrutural do Discurso da Universidade. Nesse jogo de recuos, temos a resposta a uma resposta, com uma condição a ser destacada: L2, cuja locução coincide com a enunciação, reafirma um sentido primeiro, de L0, que anteriormente havia sido negado por L1. Propomos o seguinte princípio esquemático para explicar esta situação:

L0: [p]; / *há uma crise ambiental antropogênica* /

L1: -1[p]; / *há uma crise ambiental antropogênica* / falso

L2: -1(-1[p]); / *há uma crise ambiental antropogênica é falso* / falso

Há claramente uma homologação entre L2 e L0, ambos são locutores do discurso da grande imprensa, da ciência, do saber institucionalizado. Esta descrição é justamente a que Jacques Lacan no *Seminário 17: o avesso da psicanálise* (2021) propõe como o Discurso da Universidade.

## O PROBLEMA DA ENUNCIÇÃO PELOS QUATRO DISCURSOS

Na bem conhecida proposição do psicanalista francês, há quatro discursos, expressos em matemas, que são o Discurso do Mestre (M), o Discurso da Universidade (U), o Discurso da Histórica (H), o Discurso do Analista (A), que se demonstram em fórmulas alteradas em um quarto de giro. No quadrante superior esquerdo, há o *agente*, no superior direito, o *Outro*, no inferior esquerdo a *verdade*, no inferior direito a *produção*.

M	U	H	A
$\frac{S_1 \longrightarrow S_2}{\$ \quad \alpha}$	$\frac{S_2 \longrightarrow \alpha}{S_1 \quad \$}$	$\frac{\$ \longrightarrow S_1}{\alpha \quad S_2}$	$\frac{\alpha \longrightarrow \$}{S_2 \quad S_1}$

(LACAN, 2021., p 29) tabela2

No Discurso do Mestre, a comunicação ganha a aparência de um ato pleno (porque é justamente S1 que está no lugar de semblante) entre os elementos postos na parte superior do quadrante, direcionada a um S2, ao Outro. O lugar do Outro também pode ser chamado de *posição de trabalho*, uma vez que Lacan baseou-se para estabelecer o matema do Discurso do Mestre na *dialética do senhor e do escravo* de Hegel (2002), na qual há um saber do escravo, um saber sobre o mundo que só se obtém na posição daquele que foi interpelado. No entanto, no lado inferior do quadrante repousam os interditos; o sujeito barrado (\$) na posição de verdade; e o *objeto pequeno a*, a marca constitutiva da falta ou do mais-de-gozar, no lugar da produção.

No caso do Discurso da Universidade, ele opera pela própria circularidade, produz sujeitos para descartá-los (Silva, 2018). É a aposta de que tudo se reduz ao saber (o que é impossível, no que se demarca pelo emergência do sujeito barrado no lugar do produto). Mas esta de qualquer forma é sua ambição e a sua proposição, que este seja um discurso proferido a partir de um lugar conjuntural, esvaziado o quanto possa de um enunciador figurativizado. A este esforço pela subsunção do enunciador numa miríade de grupos de pesquisa, revistas especializadas, laboratórios, imprensa especializada, que não pode e não deve se constituir na figura de uma sujeito. Por isso chamamos, ao fim e ao cabo, o locutor deste discurso de L0 no nosso esquema. O objetivo final da Discurso Universitário é enunciar a partir da posição de um agente S2, um coletivo que elide a possessão de um mais-de-gozar. O saber (S2), que constava no lugar no alto à direita no discurso do mestre, passa para a esquerda no discurso universitário. O que está então no lugar da verdade, subsumido no quadrante inferior esquerdo do esquema? O significante-mestre, pelo qual os outros significantes são ordenados (Darriba & D'Escragnolle, 2017).

O Discurso da Histórica traz a queda do efeito de discurso engendrado pelo Mestre. No lugar da agência ou semblante está o sujeito barrado (\$). Ele revela a relação do Discurso do Mestre com o gozo, trazendo-o ao lugar de saber. A histórica mostra, denuncia, a inconsistência do Mestre, o desmascara, resiste ao seu esquema. Mas ao mesmo tempo o deseja, pois compactua com ele... "O discurso da histórica se relaciona com o mestre a partir de uma dupla visada: ao mesmo tempo em que aponta a falha inerente ao Outro, a qualquer que ocupe o lugar de mestre, insiste em procurar a mestria" (Silva, 2018, *online*).

A partir dessas breves descrições a respeito das proposições de Lacan, de resto já bastante conhecidas, ajustemos nossa proposição sobre as fakenews ambientais, buscando a configuração de seus enunciadores, o que nos leva a consequências relativas aos contratos de comunicação.

Primeiramente, é possível constatar uma homologia entre os enunciados científicos sobre a crise ambiental com o esquema do Discurso da Universidade, o que de fato não chega a ser surpreendente, já que os seus centros de difusão estão justamente nas estruturas universitárias institucionalizadas. A principal ancoragem da performance do discurso científico é *fazer crer* que nunca há um sujeito na origem de seus sentidos. Os

enunciados devem ser apreendidos pelo enunciatário como locutados por objetos que dizem a sua verdade de forma transparente no laboratório. Este é o apanágio da ciência, desde pelo menos Robert Boyle (1627-1691), um dos criadores da física moderna. Ele se envolveu numa polêmica com o filósofo Thomas Hobbes (1588-1679), seu contemporâneo, a respeito da existência ou não do vácuo no universo, decidida afinal em favor de Boyle e de seus equipamentos laboratoriais; vitória esta que pôs em andamento os conceitos da revolução científica que estão em vigor até os dias de hoje (Latour, 1994). Assim, desde então, no discurso científico é a natureza quem enuncia, quem gera o sentido, e nunca o cientista. Os termômetros manejados pelos departamentos de climatologia das grandes universidades registram o que dizem as rochas, os oceanos, a fauna bôntica fossilizada, e assim por diante. Se houvesse por um momento a desconfiança de que, naquele lugar, o que está registrado é a fala de um sujeito portador de mais-de-gozar todo o aparato do Discurso da Universidade entraria em colapso.

Justamente, é este desafio ao Discurso da Universidade que propõe o L1 de nosso esquema, o locutor das *fakenews* sobre meio ambiente. Ele diz, com todas as letras, que os enunciados sobre aquecimento global não provêm de fato de objetos inertes, que jazem irremediavelmente em sua condição de seres-em-si, mas que há na verdade, oculto, um sujeito insidioso, malévolo, cuja intenção é de domínio (e de gozo). Ou seja, afirma que o Discurso da Universidade é falso: ali, onde incautos podem se deixar levar pela aparência da neutralidade científica, está elidido um Mestre (um desejado mestre), que *quer fazer crer* mesmo diante de *saber não ser* o aquecimento global um perigo concreto. Enfatizemos que há um *querer* oculto, uma vontade de potência, que deve ser desmascarado. Caminhamos então para o Discurso da Histórica.

Assim, para que a denúncia do mais-de-gozar do Mestre se efetive, há uma condicionante: é preciso antes de mais nada que o produtor das *fakenews* ambientais derrube a “aparência” do Discurso da Universidade e “revele” o Discurso do Mestre. O mestre “oculto” no Discurso Universitário é trazido à posição obscena, como aquele que quer o poder, a dominação, cuja agência faz de S2 um *escravo*. Se o Discurso da Universidade é apenas uma mal ajambrado disfarce para a verdade do Discurso do Mestre, quem, se não a vigilante e atenta histórica, poderia resistir-lhe? O que ela faz é olhar para o que as instituições universitárias, grupos de pesquisa, agências multilaterais e governos dizem, não diretamente para o ponto de onde estas dizem enunciar, mas no seu lugar de *verdade*, ao S1 que jaz do lado inferior da barra do S2. Quando o locutor do Discurso da Histórica que produz *fakenews* se pronuncia, portanto, é como  $\$$  dirigindo-se S1 a quem ele “sabe” (e deseja) portador de um gozo excessivo, o Mestre.

Estabelecido este esquema, o locutado por L2 (na reembreagem enunciativa do enunciador AFC) chega a ser tedioso: enquanto a histórica denuncia, ele busca retomar do mesmo ponto o Discurso Universitário: “vejam por vocês mesmos os termômetros”, “olhem os nomes das instituições envolvidas”, e assim por diante. Ou ainda, em suma, “não há mais-de-gozar nesses meros instrumentos, nessas instituições vetustas, não há Mestre naqueles enunciados, mas simples intermediários”. Apenas mais uma rodada de dizeres que retomam ao ponto original, em enunciados anódinos diante da ênfase da histórica...

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise é a tentativa de buscar um caminho para a delicada questão da enunciação no sistema de circulação nas redes sociotécnicas. O desafio é lidar com a performance do ato de fala (Austin, 1962), e portanto com a produção de sentidos, na dispersão das redes, quando não está de antemão dado ao analista um enunciador ao estilo da imprensa tradicional institucionalizada. Para perguntar de outra maneira, como decifrar uma rostidade (Deleuze & Guattari, 1996) nestes estranhos jogos circulares? Entendemos que a vantagem da aplicação da teoreia lacaniana dos quatro discursos é justamente fazer emergir pela análise os processos de enunciação que não estão subsumidos a contratos de comunicação relativamente estabilizados. Lacan, enfim, nos ajuda a captar regularidades na fragmentação das redes.

Neste presente caso, foi possível coligir os enunciados em um esquema de enunciação que pode ser assim resumido: os locutores das associações científicas, da imprensa tradicional, das agências multilaterais, etc., produzem enunciados sobre a crise ambiental no registro do Discurso da Universidade. Os locutores das *fakenews* num primeiro momento (é preciso passar por esta etapa) denegam essa proposição, e como consequência afirmam (e desejam) ser o enunciador um Mestre oculto, e então investem histericamente na denúncia de seu mais-de-gozar. Finalmente, o enunciador AFC, reembreado no locutor que analisa a produção de *fakenews*, tenta restaurar a posição dos enunciados da crise ambiental como pertencentes à lógica do Discurso da Universidade, retomando o ponto original.

Não é sem motivo, a cremos nestas proposições, que a aparência é de um diálogo, mas um diálogo desconexo, no qual os sentidos produzidos pela universidade não performam diante dos produtores de *fakenews*, e são tidos por estes como enganadores; e que, por sua vez, a contestação histórica é tomada pelas agências de checagem, aderidas novamente ao discurso universitário, como o mais puro nonsense. São cartas que se extraviam muito antes de chegar ao destino.

## REFERÊNCIAS

- Braga, J.L. (2012) La política de los internautas es producir circuitos. In: Carlón M., & Fausto Neto, A. (Orgs.). Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación. Buenos Aires: La Crujía.
- Charaudeau, P. (2006) Discurso das mídias. São Paulo: Contexto.
- Crutzen, P., & Stoemer, E.F. (2010). The Anthropocene. Global Chance Newsletter. N. 41, p. 17-18. Woods Hole (EUA): International Geosphere-Biosphere Programme.
- Darriba, V., & D'Escragnolle, M. (2017). A presença do capitalismo na teoria dos discursos de Lacan. *Ágora*. v. XX n. 2 mai/ago 2017 543-558. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Deleuze, G., & Guatarri, F. (1995) Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Volume 2. São Paulo: Ediotra 34.
- Ducrot, O. (1987) O dizer e o dito. Campinas: Pontes.
- Fakebook. (2020) Mitos mais frequentes. São Paulo: Fakebook. <<https://fakebook.eco.br/category/mitos-mais-frequentes/>>.
- Fausto Neto, A. (2019) Política entre ações comunicativas e circulações disruptivas. In: *Rizoma*. v. 7, n. 2. Santa Cruz do Sul (RS): UNISC.
- Fiorin, J. L. (2016). As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Contexto.
- Habermas, J. (2002) O discurso filosófico da modernidade. São Paulo: Martins Fontes.
- Habermas, J. (2014) Mudança estrutural da esfera pública. São Paulo: Editora Unesp.
- Hegel, G.W.F. (2002) Fenomenologia do espírito. Petrópolis (RJ): Vozes / Bragança Paulista (SP): Editora Universitária São Francisco.
- Lacan, J. (2021) O seminário: livro 17, o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.
- Latour, B. (2000). *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34.
- OMS. (2022) Infodemic. Genebra (Suíça): Organização Mundial de Saúde <[https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1)>

- Maffesoli, M. (2010) *Saturação*. São Paulo: Iluminuras.
- Pereira, H. P., & Prates, V. (2020a) Propagação do vírus, disseminação do ódio: circulação dos afetos nas fakenews sobre a covid-19. *Rizoma*, v. 8, p. 10-25. Santa Cruz do Sul (RS): Unisc.
- Pereira, H. P. & Prates, V. (2020b). Fake profiles: the laugh, the derision, the reverse. In: João Carlos Correira; Anabela Gradim & Ricardo Morais. (Org.). *Pathologies and dysfunctions of democracy in the media context*. V. 1, p. 91-108 Covilhã (Portugal): Labcom Communication & Arts, 2020b.
- Pereira, H.; Prado, J.L.A., & Prates, V. (2022) *Comunicação em rede na década do ódio: afetos e discursos em disputa na política*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- Porto-Gonçalves, C.W. (2020). *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto.
- Prado, J.L.A. (2013) *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo: Educ/Fapesp.
- Prado, J.L.A., & Prates, V. (2017). *Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- Prado, J.L.A.; Prates, V (2020). Regimes passionais do MBL na eleição presidencial de 2018. *e-Compós*. V. 1, p. 1-0. Brasília: Compós.
- Prates, V. (2020). *Um mapa da ideologia no Antropoceno*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- Prates, V (2023. No prelo). O engano, a doença, a morte: como as fakenews simularam técnicas canônicas do jornalismo durante a pandemia de Covid-19. In: *ECCOM*. V. 14, no 27. No prelo. Lorena (SP): Unifatea.
- Silva, M. M. (2018). O discurso universitário e a clínica contemporânea. *Cadernos de psicanálise*. V. 40 no.38. Rio de Janeiro: Centro Psicanalítico do Rio de Janeiro.
- Stencel, M.; Ryan, E, & Luther, J. (2022) Fact-checkers extend their global reach with 391 outlets, but growth has slowed. In: Duke Reporters Lab, *online*. Sanford School of Public Policy. Durham (EUA): Duke University. <<https://reporterslab.org/fact-checkers-extend-their-global-reach-with-391-outlets-but-growth-has-slowed/>>.